

Manoel de Oliveira, in memoriam

Para piano

Ao Paulo José Miranda, por sua manoelíssima biografia
de Oliveira (verdejante), de seu amigo vermelho

Willy Corrêa de Oliveira

Modéré (expressif) $\text{♩} = 76$

Piano

p

dolce espress.

con moltis. saudade

Ped. *

A tempo

rall. poco

fff *mf* *3:2*

Ped. *

Poco meno mosso

quasi f (carezzevole)

sfz *f*

teneramente

7:6

Pno.

Poco meno e rubato *rall.*

A tempo

Ped. *

Modéré (expressif) $\text{♩} = 88$

Pno.

ff *p* *quasi mf*

con sentimento

rall. per finire

fff *p*

Ped. Ped. *

Ped. Ped. l.v. *



= Com uma peneira metálica, de chá, segurando-a pelo cabo, deslizar o bojo da peneira desde a corda lá² ao mi^{b-1}, e de volta (ondulatoriamente) com pressão suficiente para obter um murmúrio denso e discreto e misterioso, sempre utilizando o Ped. abaixado. Concluída a duração prevista, solta-se o pedal.



= Independentemente do tempo indicado, articular o mais velozmente possível as notas contidas no *cluster*, evitando-se segmentos escalares e/ou algo similar a um *ostinato*; que soem como gizos luminosos.

Nota de Programa

Andava a ler a remarcável biografia de Manoel de Oliveira, escrita por Paulo José Miranda, e quedei-me fascinado por um generoso capítulo sobre o céu pairando na obra do diretor: Num átimo me veio a idéia de uma minúscula peça para piano dizendo do céu, do Manoel (e do que me açambarca desde seu modo ímpar de mostrar) e do vento (que ventaneja sutilmente em “Francisca”, na “Divina Comédia” – como aponta o autor de “A morte não é prioritária”, com sua pena-biruta.

Para mostrar o Manoel como imagem-som de corpo inteiro de sua mente – sem alternativas: a alusão à canção “Essa palavra saudade”, de José Luiz Borges Coelho, para o filme “Cristóvão Colombo”. Para figurar o céu: “Nuages”, de Debussy. E o vento evola-se desde as cordas bem graves do piano.

E como num filme de Manoel de Oliveira: lembro que a canção cantada por Maria Isabel, sua esposa, se encrustou em mim, e que algo depois quis cantarolar a canção, mas, em vez de sua melodia, acudiu-me uma frase da ária “O cessati da piagarme”, de Alessandro Scarlatti; assim é que – como uma codetta – a intromissão de Scarlatti está aditada na edição final.

S. Paulo, 1 de setembro, 2023.
Willy Corrêa de Oliveira.